

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA ILUSTRAÇÃO “CRISE FINANCEIRA”¹

Alexsandro Teixeira RIBEIRO²

Gustavo Guilherme da Matta Caetano Lopes³

Faculdades Internacional de Curitiba – FACINTER, Curitiba, PR

RESUMO

Neste artigo proponho a análise da construção e significado da ilustração “Crise econômica”, de autoria própria, veiculada no informativo bimestral n.º 97, de Dezembro de 2008 a Janeiro de 2009, do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Paraná, com o intuito de representação imagética, de síntese a apoio a matérias jornalísticas, cujo conteúdo aborda a crise econômica financeira global, de 2009, e suas conseqüências no meio mercadológico. Serão analisadas a utilização e o significado das cores, o porquê da posição adotada pela figura humana apresentada na ilustração, a necessidade do uso de ícones lingüísticos para afunilar a gama de interpretações, bem como o uso da ilustração como síntese da matéria a ser apresentada.

PALAVRAS-CHAVE: ilustração; filosofia estética; arte; comunicação.



Figura 1 – Ilustração “Crise Financeira”, de autoria de Alexsandro Teixeira Ribeiro

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Áreas Emergentes, modalidade Ilustração (avulsa).

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso Jornalismo, email: alex@senge-pr.org.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social email: glopes@facinter.br

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, para que haja melhor compreensão da análise da construção da ilustração “Crise econômica” e escolha de signos que induzem ao objetivo proposto pelo autor da obra pictórica, vale discorrer sobre o tema da série de matérias o qual a ilustração se refere. Intitulada “O neoliberalismo de joelhos”, a série reporta aos engenheiros, público alvo do informativo, o que o economista e atual Ministro de Estado da Fazenda, Guido Matega, em entrevista a Agência Brasil, em 6 de outubro de 2008, classificou como sendo a pior crise financeira internacional desde 1929, marcado pelo *crash* da bolsa de valores estadunidense. A atual crise, que estourou em setembro de 2008, de acordo com o economista do Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos – Dieese, Fabiano Camargo, “começou no mercado hipotecário residencial dos Estados Unidos. Dali, propagou-se para os demais segmentos do sistema financeiro. Agora, assistimos à quebras, fusões e incorporações de instituições financeiras”. Nas matérias também são analisados os principais impactos da atual crise financeira na sociedade, sendo um deles o expressivo número de demissões no setor automobilístico.

Feito o resumo do conteúdo das matérias ilustradas pela imagem “Crise financeira”, objeto deste artigo, partamos, pois, para a definição etimológica e algumas considerações acerca de Ilustração, que seria o 1 Ato ou efeito de ilustrar. 2 Esclarecimento, explicação. 3 Breve narrativa, verídica ou imaginária, com que se realça e enfatiza algum ensinamento. (MICHAELIS, 2009). “A ilustração possui a sua linguagem, sua própria sintaxe, seu alfabeto”. (OLIVEIRA, 1996). Desta forma diferenciamos Ilustração de Desenho, que “o dicionário reconhece como signo (...) qualquer procedimento visual que reproduz objetos concretos, como o desenho de um animal, para comunicar o objeto ou o conceito correspondente” (ECO, 1991). Ou seja, a ilustração vai além da proposta de representar um determinado objeto ou conceito, mas promover síntese e complexa leitura imagética do assunto ao qual se refere.

Sobre a proposta da ilustração vale ainda comentar, sob influências de movimentos artísticos como Art Nouveau, Déco, Por Art e surrealista, os ilustradores da década de 70 do século passado começaram a mudar os rumos da produção das imagens com vistas a um pensamento mais livre, criativo, fazendo com que as ilustrações comessem a ter um significado mais amplo e completo que o de meramente ilustrativo.

Apresentadas as considerações acerca do significado de ilustração, defenderei, pois, a escolha e disposição dos símbolos e ícones imagéticos que formam a imagem “Crise

Financeira”, bem como sua composição cromática e expressão corporal adotada pela figura humana representada na ilustração, como síntese do conjunto de matérias a serem veiculadas no informativo. Vale ainda ressaltar a vantagem que um conjunto pictórico tem em tornar mais ágil o processo comunicacional ante a linguagem verbal.

Mediante a expressão visual somos capazes de estruturar uma formulação direta; mediante a percepção visual experimentamos uma interpretação direta do que estamos vendo. Todas as unidades individuais dos estímulos visuais atuam umas sobre as outras, criando um mosaico de forças carregadas de significado...que pode absorver-se diretamente quase sem esforço, em comparação com a lenta decodificação da linguagem. (DONDIS, 1976).

OBJETIVO

O objetivo deste artigo é promover uma análise da escolha de símbolos, cores, posição e expressão corporal do ícone humano da ilustração “Crise financeira” como forma de síntese e leitura do conjunto de matérias intitulada “O neoliberalismo de joelhos”, cujo resumo foi descrito no início da introdução deste artigo.

JUSTIFICATIVA

O motivo que me levou a desenvolver tal artigo é o de compreender, por meio de embasamento científico-teórico, de qual forma a produção e escolha dos detalhes da formação de uma ilustração podem influenciar na leitura e compreensão da mesma. Bem como a capacidade que o ilustrador tem de empregar signos, técnicas de traços ilustrativos e cores para direcionar e afunilar a gama de interpretações que envolvem a ilustração, com o intuito de conduzir o leitor da imagem a mais próxima desejada pelo autor, tendo em vista que “os dados visuais podem transmitir informações: mensagens específicas e sentimentos expressivos, seja direcionado e com um fim definido, seja oblíquo e como subproduto de uma utilidade”. (DONDIS, 1976).

A influência do ilustrador na leitura de sua imagem é também corroborada por DONDIS, quando esta, em sua obra *A Sintaxe da Imagem*, ao afirmar que a mensagem incluída numa produção visual tem por objetivo “dizer, expressar, explicar, dirigir, instigar”, e que o autor, para alcançar tal intento, faz determinadas

escolhas com o intuito de reforçar e fortalecer as intenções expressivas, a fim de conseguir um controle máximo da resposta. Isso exige uma grande habilidade. A composição é o meio interpretativo destinado a controlar a reinterpretação de uma mensagem visual por seus receptores (IDEM).

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção e composição da ilustração, primeiramente foi necessária uma leitura detalhada das matérias, e escolhidos ícones que pudessem ser empregados na construção de um contexto pictórico que introduzisse o leitor ao texto verbal.

Feito isso, foram reunidos os ícones em técnica de sobreposição, para que formassem um conjunto interativo, conforme aponta ARNHEIM em Arte e percepção Visual, ao dizer que “quando as unidades sobrepostas constituem juntas uma configuração particularmente simples, a tendência é vê-las como uma e a mesma coisa” (2006). No entanto, foram levadas em conta as considerações de ARNHEIM, para que haja percepção adequada da sobreposição, sendo a que se coube empregar na ilustração a disposição dos ícones em planos de profundidade diferentes.

Foi utilizada para produzir os contornos e delineações da imagem a técnica de desenho a mão livre, vinculada a um estilo de desenho próprio do autor, influenciado pela leitura visual de histórias em quadrinhos, gravuras em metal, pinturas em tela e ilustrações de revistas, jornais e livros.

A coloração, o sombreamento e a arte-finalização da ilustração foram realizadas com auxílio de recursos gráficos computacionais, por meio dos programas de tratamento de imagens Photoshop e Corel Painter. Tais recursos, além de agilizar o processo de produção e possíveis alterações na imagem, garantem, mediante capacitação do ilustrador em manusear-los, maior qualidade gráfica ante os meios não virtuais de tratamento de imagem.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Levando em consideração a classificação feita pelo Ministro da Fazenda, Guido Mantega, mencionada na introdução deste artigo, de que a atual crise financeira é a pior desde a do *crash* da bolsa de valores estadunidense, em 1929, foram eleito pelo ilustrador, na construção da imagem “Crise financeira”, ícones e símbolos pictóricos que representassem a negatividade da conjuntura econômica mundial.

De acordo com as matérias sobre a crise financeira publicadas no informativo O Engenheiro, o impacto da quebra do sistema econômico não havia, há época, atingido a maior parte da população brasileira. Inicialmente foram afetados os setores automobilístico, bancário e da bolsa de valores. Sendo assim, ao idealizar a ilustração, fez-se necessário eleger um ícone de representação humana, dentre os setores citados, para que neste fosse

demonstrado os reflexos da crise para o indivíduo e para a sociedade como um todo. Dentre os setores, optou-se pelo da bolsa de valores, personificada na figura de seu funcionário investidor, comumente utilizado para ilustrar textos relacionados a economia.

Feito a escolha do ícone e personagem principal da ilustração, percebeu-se a necessidade de este promover uma ação, para que, por meio dos gestos e expressões corporais apresentadas no desenvolvimento da ação, externassem sentimentos e conceitos a serem informados ao leitor. Nota-se, assim, a extrema importância dos gestos e expressões corporais representadas na figura pictórica como meio de transferência e/ou indução de sentimentos e como forma de informar, conforme aponta ARNHEIM, ao analisar que as “expressões faciais e de gestos desempenham importante papel nos meios visuais da arte (...) em nossa particular civilização, chegamos a considerar a percepção como registro de configurações, distâncias, matizes, movimentos”(2006).

Como pode ser verificado na **figura 1**, apresentada no começo deste artigo, a figura central da imagem, o funcionário investidor da bolsa de valores está ajoelhado no chão em uma posição de desalento, desespero. Seu tronco esta arcado em cima de papéis, sua mão direita esta fechada em cima de um jornal, a esquerda, como pode ser visto na **figura 2**, aberta deixando cair papéis, como se ele estivesse sem forças, desolado, derrotado pela crise econômica. Tais sentimentos ficam nítidos em seu rosto, cujo semblante denota abatimento, e na supressão de seus olhos pela sombra, conforme pode ser notado na **figura 3**. Essa capacidade da imagem da cabeça da figura humana, por meio de expressões, representar sentimento é analisada pelo desenhista e quadrinista Will EISNER, ao afirmar que o rosto “é uma janela que dá pra mente”(1989). Segundo EISNER, na comunicação, o papel da representação da face humana é a de registrar emoções (Idem).

...o leitor espera que os elementos móveis revelem uma emoção e um ato como um advérbio da postura ou gesto do corpo. Devido a essa relação, a cabeça (ou rosto) é usada com frequência pelos artistas para expressar a mensagem inteira do movimento corporal. É a parte do corpo com a qual o leitor está mais familiarizado. (Ibidem)



Figura 2 – Recorte da mão esquerda



Figura 3– Recorte da cabeça

Com o intuito de afunilar e direcionar a interpretação do leitor à ilustração, foram utilizados dois elementos lingüísticos. Sendo um deles a palavra Ações, repetidas várias vezes nos papéis amarelos que caem da mão esquerda do funcionário investidor, como pode ser observado na **figura 4**. Tais papéis com as inscrições Ações além de direcionar a leitura na identificação do personagem e sua função profissional, conecta-o e direciona a leitura da figura humana ao impacto causado pela crise econômica. Tal poder de direcionamento que o texto pode desempenhar na imagem é afirmado por Roland BARTHES quando diz que, em se tratando de mensagem simbólica, “a mensagem lingüística passa a ser o guia da identificação a cerca da interpretação (...) o texto conduz o leitor através dos distintos significados da imagem, e obriga-o a evitar um e a receber outro” (1986).

O segundo signo empregado na ilustração, conforme apresentado na **figura 4**, é o nome do jornal, que está logo embaixo da mão direita da figura humana da imagem, e a chamada de capa do periódico. Ambos, também com o intuito de direcionamento de leitura da imagem. No entanto, a figura imagética do jornal foi empregada também com o sentido de validar a crise financeira para a figura humana da ilustração, ou seja, por meio do jornal o indivíduo sabe que é real a crise e que, por conseqüência, esta influencia negativamente em suas ações financeiras. Tal poder dos meios de comunicação em validar um acontecimento é analisado por Patrick CHARAUDEAU, quando diz que

Para que um acontecimento possa ser percebido, é necessário que se produza uma *modificação* no estado de mundo fenomenal, geradora de um estado de desequilíbrio, que essa modificação seja *percebida* por sujeitos (ou que estes julguem que houve modificação) num efeito de ‘saliência’, e que essa percepção se inscreva numa rede coerente de *significações sociais* por um efeito de ‘pregnância’ (2006).

Ainda analisando a figura imagética do jornal, os números que se apresentam logo abaixo do título da matéria, em uma representação de gráfico cartesiano, alguns deles caindo do jornal, representam a idéia de que a magnitude da crise econômica é maior que o informado pelo jornal, tendo em vista que a elaboração da ilustração e a montagem e produção do conjunto de matérias as quais ela se refere foram formuladas ainda no início das divulgações da imprensa sobre a crise econômica. Ou seja, o desenvolvimento e o tamanho da crise era à época ainda incertos, conforme aponta o diretor-gerente do FMI (Fundo Monetário Internacional), Dominique Strauss-Kahn, em matéria do dia 21 de dezembro de 2008 no informativo eletrônico “Tudo na Hora H”, que a incerteza sobre a economia mundial é “total” e que é possível uma “depressão maior”.



Figura 4– O poder de direcionamento de interpretação que texto desenvolve na imagem

As cores contidas na ilustração também foram empregadas de forma a colaborar na construção da síntese das matérias e direcionar a interpretação da leitura da imagem. A escolha das cores influencia diretamente no impacto que a imagem pode causar, desta forma, é fundamental que o artista escolha criteriosamente o conjunto de cores que irão compor sua obra, tendo em vista que, “a cor tem uma afinidade mais intensa com as emoções” (DONDIS, 1976).

A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia (FARINA, PEREZ e BASTOS, 2006).

Discorrido a importância das cores na construção da imagem, partimos agora para a análise da escolha delas e seus significados na ilustração. Vale anotar aqui que, conforme disse ARNHEIM, “o efeito da cor é demasiadamente direto e espontâneo para ser apenas o produto de uma interpretação ligada ao que se percebe pelo conhecimento” (2006), sendo assim, mesmo que seja “amplamente aceito que a expressividade (da cor) se baseia na associação” (idem), foi levando em conta, na produção da ilustração “Crise financeira”, os itens imagéticos como um conjunto, para que, desta forma, houvesse influência mútua em suas leituras.

Para corroborar a escolha das cores predominantes da ilustração na busca de colaborar na construção da síntese das matérias sobre a crise financeira, conforme idealizada pelo autor da imagem, foram utilizadas análises a respeito dos efeitos de sentido provocados pelas cores de autoria de FARINA, PEREZ e BASTOS, em *Psicodinâmica das Cores em Comunicação*.

Conforme pode ser percebido na **figura 1**, a cor predominante da camisa do funcionário investidor é o branco, que, no Oriente simboliza “a morte, o fim, o nada”, e no Ocidente, simboliza também “o vestibulo do fim, isto é, o medo”. A calça e a gravata do

investidor são cinzas, cuja associação afetiva remete a tristeza, desânimo. A parede ao fundo é azul, sendo “a cor preferida por mais da metade da população ocidental” e a mais lembrada quando estes querem “referir-se à simpatia, à amizade e à confiança”. Sua associação afetiva pode remeter ao afeto, paz, serenidade, confiança. Utilizada com o intuito de elucidar seus atributos positivos, no entanto, o azul foi empregado na representação da parede ao fundo do personagem com o objetivo de indicar que tais pontos como: paz, serenidade e confiança ficaram no passado, e que, de costas para a parede, o indivíduo tem a sua frente o desespero e aflição resultantes da crise. A cor vermelha, presente nas palavras Ações e nos números e linha que pulam e escorrem do gráfico do jornal, foi utilizada com o intuito de atingir sua associação afetiva de ação, calor, furor e movimento, para representar o quão dinâmicas são as ações, cujos valores oscilam sempre, e a crise atual, bem como a força com que esta atinge o sistema econômico. Por fim, em várias partes da ilustração é empregada a cor preta, como nas hachuras e sombras, com o intuito de atingir sua associação afetiva de mal, miséria, pessimismo, tristeza, melancolia, opressão e angústia (FARINA, PEREZ e BASTOS, 2006).

A maciça utilização de rabiscos, hachuras, traços fortes delineando a figura, além da coloração aquarelada com bastante sombra e ruídos, todos provenientes da arte final da ilustração, tornam a imagem densa, com um ar sombrio, completando o trabalho do artista e atingindo a meta objetivada por ele, o de transmitir emoções negativas que demonstrassem a insegurança e dificuldades futuras ante a crise financeira mundial.

CONSIDERAÇÕES

Por meio de embasamento teórico, presente nas obras dos citados estudiosos da comunicação e da linguagem visual, ficou comprovada neste artigo a capacidade de síntese e apresentação do conjunto de matérias “O neoliberalismo de joelhos”, desempenhadas pela ilustração “Crise financeira”. Analisando aspectos pictóricos da imagem, tais como: cores, expressões corporais, ícones e símbolos escolhidos e traços foi concluído no presente artigo conclui-se a veracidade da influência e direcionamento de leitura que os referidos itens desempenham sobre o leitor, neste específico caso, demonstrar o impacto negativo que a crise financeira global exerce, ou pode a vir a exercer, na vida do indivíduo e da sociedade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, R. **Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Ed. Thompson, 2006.

BARTHES, R. **Lo obvio y lo obtuso: imágenes, gestos, voces**. Barcelona: Editorial Paidós, 1986.

BASTOS, D; FARINA, M; PEREZ, C. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

DONDIS, D. A. **La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili. AS. 1998.

ECO, U. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989

FIORI, M. **Mantega considera crise a pior desde a depressão de 1929 com a quebra da Bolsa de Nova York**. Agência Brasil. São Paulo, 6 de out. 2008. Disponível em: < <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/10/06/materia.2008-10-06.3252963781/view> >. Acesso em: 16 abr.2009.

MICHAELIS ONLINE <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em: 15 abril 2009

OLIVEIRA, Livia. **Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira**. São Paulo, Ed. Studio Nobel / Universidade Federal de São Carlos, 1996.

STRAUSS-KAHN , **Dominique**. **FMI adverte que crise mundial pode piorar em 2009**. Tudo na Hora H. Alagoas, 21 de dez. 2008. Disponível em <<http://www.tudonahora.com.br/noticia.php?noticia=32663> >. Acesso em: 16 abr. 2009